

“EXISTIR” - A ATUAÇÃO PSICANALÍTICA JUNTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Carolina Arcanjo Rodrigues; Gabriela Melo Correa; Fernanda Kimie Tavares Mishima; João Pedro Brajal Varejão.
melogabriela@usp.br

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

Introdução:

Elizabeth Danto (2020), no livro ‘As clínicas públicas de Freud’, resgata o discurso proferido por Freud em 1918, em que ele apresentou ideias a favor das clínicas públicas, afirmando que a população periférica necessitava tanto de tratamento para a mente quanto de cirurgias para o corpo. Alinhando-se a essa perspectiva, Khouri (2020), Lewkowicz (2018) e Bracco (2024) defendem a expansão da psicanálise para além do consultório, a fim de cuidar das marcas da violência deixadas pelo abismo social na subjetividade de cada indivíduo. Desse modo, faz-se imprescindível uma atuação psicanalítica mais próxima da realidade social, priorizando o interesse humano em detrimento da lógica do mercado e do capital (Ab’Sáber, 2021), lógica essa que tem nos lançado a uma condição solitária e ultra individualista.

‘Existir’ é um projeto criado por um coletivo de psicólogas e psicanalistas. O coletivo foi criado em agosto de 2020 e, desde então, tem o intuito de estudar e promover ações que visam ampliar as clínicas sociais de psicanálise. O projeto de atuação tem como foco a população em situação de rua acolhida pela Casa de Passagem “Projeto Esperança”, organização que gentilmente abriu as portas para conversas e reuniões no final de 2023 e, posteriormente, para um trabalho com as acolhidas que iniciou em fevereiro de 2024.

O “Projeto Esperança” é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que foi selecionada pela prefeitura de Ribeirão Preto para executar o Serviço de Acolhimento Institucional na modalidade Casa de Passagem para pessoas adultas que se identificam com o gênero feminino e famílias em situação de rua. O serviço abriga por até três meses pessoas que buscam voluntariamente a organização – às vezes com direito a renovação desse período – para que elas possam emitir documentos pessoais, entrar em contato com familiares, ser encaminhadas para tratamentos de saúde, caso necessário, e se reinserir no mercado de trabalho. A equipe técnica do serviço é formada por uma coordenadora, uma psicóloga, uma assistente social, dois cuidadores, um segurança e a equipe que prepara as refeições.

O primeiro grupo com as acolhidas aconteceu no início de 2024 e seguiu ao longo de todo ano. Ao final desse período foi concretizada uma parceria com a Liga de Psicanálise dos estudantes de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), os quais passaram a compor os grupos enquanto coordenadores no ano de 2025. A partir do ingresso da Liga no projeto, também se tornou possível desenvolver um trabalho paralelo com as crianças que, eventualmente, acabam por serem acolhidas na Casa junto de suas mães. Enquanto acontece o grupo com as mulheres, um integrante da Liga permanece em outro espaço da organização, junto das crianças, oferecendo a elas um ambiente próprio de acolhimento. Essa ampliação do projeto tem sido fundamental para que as mães - e as demais acolhidas - possam participar e se expressar com mais liberdade no grupo, ao mesmo tempo em que as crianças são resguardadas de possíveis conteúdos delicados que emergem durante os encontros.

Por fim, faz-se imprescindível destacar a importância de se relatar a atuação psicanalítica junto a mulheres em situação de rua, haja vista o olhar preponderantemente clínico que paira no campo psicanalítico. Assim, este relato de uma experiência grupal e com uma população marginalizada amplia não apenas a topografia do fazer psicanalítico – para além da dupla e do *setting* –, mas também a noção de quais sujeitos que a psicanálise alcança.

Objetivos:

O presente trabalho teve como objetivo apresentar o relato da experiência desenvolvido no Projeto Existir, o qual visa aproximar a psicanálise de populações vulnerabilizadas, oferecendo um espaço que pode ser usado para a (re)construção da identidade e do senso de pertencimento de cada pessoa que passa por ele. A pesquisa teve como objetivo apresentar o relato da experiência desenvolvido no projeto

Método:

Este estudo se trata de um relato de experiência sobre o Projeto Existir, o qual tem como foco a população em situação de rua acolhida pela Casa de Passagem “Projeto Esperança”, que incluem mulheres cis ou transgênero a partir de 18 anos. Atualmente, os grupos são realizados uma vez por semana, no mesmo local, dia e horário - com duração de 1 hora e 15 minutos - com participação espontânea, sendo mediado por ao menos uma integrante do coletivo e dois integrantes da Liga. Os psicólogos em formação participam ativamente dos encontros com as acolhidas da Casa de Passagem, bem como de um grupo semanal de supervisão, com a duração

de 1 hora e 30 minutos, para discutir as experiências vividas no grupo e para adaptar as técnicas utilizadas a cada nova demanda que surge.

As técnicas utilizadas para realização do grupo com as acolhidas foram, no início, de observação e associação livre para investigar a forma que seria possível acessar as acolhidas. Posteriormente, concluiu-se que utilizar a técnica de grupo com objetos mediadores (Kaës, 2005) facilitaria a participação das mulheres e o fluxo de associações. Foram utilizados diversos tipos de objetos mediadores, dentre eles, desenhos, imagens, trabalhos manuais, jogos e livros. Para o grupo com as crianças, foi preparada uma caixa lúdica com diversos itens disponíveis para que elas, junto com o terapeuta que as acompanha, pudessem usar e brincar. Os materiais incluem: família lúdica, animais em miniatura, boneca, itens para atividades gráficas, massa de modelar, quebra-cabeça, carrinhos, entre outros. Para medir e avaliar o impacto do trabalho foi realizado conversas com a equipe técnica, conversas entre o Coletivo e a Liga, observação do movimento do grupo, e o feedback das próprias participantes.

Resultados e Discussão:

Nos primeiros grupos realizados na Casa de Passagem, alguns elementos ficaram evidentes: a) Teríamos que lidar com a alta rotatividade das participantes a cada semana e até mesmo a cada reunião, pois elas entravam e saíam da casa e dos grupos, algumas com baixa tolerância a situações mais estruturadas; b) O espaço físico possível da Casa para a realização dos encontros é uma ampla sala de convivência, a qual se mostrou muito desafiadora devido aos barulhos externos e à constante invasão e quebra de contornos, o que também observamos ser uma representação do que as acolhidas podem viver psíquica e socialmente; c) Estávamos entrando em contato com situações de extrema vulnerabilidade: pessoas que perderam quase tudo, com histórias muito trágicas, de abandono, desamparo e violência. A frequência de comorbidades como dependência a álcool e drogas é alta. Várias das acolhidas apresentam diagnósticos psiquiátricos graves, muitas tendo sido vítimas de violência doméstica e de gênero. A maioria das mulheres são negras e, conseqüentemente, vítimas de violência racial.

Roussillon (2019) discorre sobre o processo de criar um dispositivo para o trabalho com situações-limite e extremas, como com a população em situação de rua, e salienta a importância de aceitarmos aprender com o sujeito e considerarmos suas estratégias de sobrevivência. Ou seja, é essencial renunciarmos à ilusão de que sabemos quais seriam as soluções e saídas, renunciarmos às nossas fantasias onipotentes de salvamento do outro em condição precária. É necessário “respeitar o que foi salvo do desastre da catástrofe subjetiva” e acompanhar os sujeitos na solidão das experiências de agonia psíquica, partilhando da impotência vivida.

Kaës (2005) propõe grupos com objetos mediadores, nos quais as relações e reflexões são suscitadas ou mediadas por um meio sensorial. Os coordenadores são os responsáveis por escolher os objetos mediadores (uma imagem ou uma história, por exemplo), visando mais o processo de elaboração e menos o processo interpretativo, por vezes se implicando com as próprias associações no trabalho a ser realizado. Broide (2019) afirma: “seja onde for, se escutarmos, o sujeito fala” (p. 53). O nosso desafio tem sido: de que forma escutar?

Ao longo dos grupos, fomos aprendendo a escutar essas mulheres, usando diferentes objetos mediadores e optando por uma participação espontânea, realizando as atividades junto com as acolhidas e compartilhando sentimentos e vivências. Percebemos que o uso dessas ferramentas ajudou tanto a nós, coordenadores, quanto às acolhidas, a não nos sentirmos tão desamparadas.

Broide (2019), a partir de suas experiências com população em situação de rua, propõe criar um dispositivo psicanalítico que possibilite o acesso ao fio que liga o sujeito à vida. Considerando que este sujeito já teve vários vínculos rompidos, faz-se necessário alcançar outros laços que mantêm, mesmo que fragilmente, o indivíduo vivo. Nesse sentido, é no vínculo transferencial que torna possível reviver e elaborar tantas vivências, inclusive na relação das mulheres com o grupo de coordenadores que se revezam para realizar cada encontro, o que Ab'Saber (2022) denominou de analista-grupo. O autor destaca em seu estudo a rica transferência existente com o grupo de analistas - e não com apenas um analista, como ocorre comumente -, considerando o sentimento de coautoria da psicanálise e do dispositivo político ali instaurado enquanto grupo.

Curiosamente, mesmo com a rotatividade das participantes e as condições desfavoráveis do espaço físico, aos poucos as conversas tornaram-se mais viáveis, com forte impacto emocional. Surgiram relatos dramáticos, mas percebemos uma ampliação da tolerância dos grupos a esses temas angustiantes – como família, perdas, saudades, ressentimentos, rupturas, violências sofridas – o que torna imprescindível a retaguarda do grupo como espaço de continência e transformação.

Observamos uma resistência das acolhidas em falar sobre vivências passadas, dores ou em se mostrar tristes e desesperançosas, muitas vezes expressa em discursos religiosos ou vagos. Mas essa camada superficial se desfaz com o tempo, e emergem dores presentes até nas cicatrizes ou feridas visíveis na pele de cada mulher. Discutimos entre nós sobre a importância de estarmos disponíveis para acolher essas dores, respeitando também esses silenciamentos como defesas possíveis para suportar vivências tão atroz. Essa experiência se alinha ao que propõe Alvarez (2020): manifestações que podem parecer defesas contra a realidade assumem

aqui um papel curativo e restaurador. “Eu preciso lembrar que eu existo”. Essa foi a frase que uma das acolhidas compartilhou no último grupo do ano de 2024. Podemos afirmar que essa frase representa e sintetiza o intuito de nosso trabalho: abrir espaço para que essas mulheres existam.

De fato, é marcante o esforço que cada uma das mulheres faz, à sua maneira, para continuar vivendo. Nesse sentido, o apego à religião e aos desenhos coloridos com flores aparentes e dias ensolarados podem apresentar-se como tentativa de amparar-se em algo que para elas aparece como bom diante de suas tragédias pessoais. Nós tentamos acompanhá-las, refletindo a importância que isso assume em suas vidas, na intenção de ampliar os possíveis significados de “fé”, “gratidão”, “deus” e “sagrado”, por exemplo (Safra, 1998).

A revisão de nossa conduta, enquanto profissionais, ao nos aproximarmos dessas mulheres, com nosso olhar psicanalítico e vivências, nos desafia a reformular a forma de nos comunicarmos, na tentativa de evitar uma confusão de línguas (Ferenczi, 1933). Por isso, a atenção a um possível “desacerto” linguístico (Maciel Jr., Barbosa & Carvalho, 2018) tem sido constante em nossa atuação. Segundo Souza (2021), é um processo educativo, que exige de nós, estudantes, terapeutas e analistas, o reconhecimento de que ocupamos lugares privilegiados e que nossos pactos narcísicos inconscientes (Bento, 2022) podem nos tornar impermeáveis a esse reconhecimento. Além do mais recebemos um retorno muito positivo após reuniões com a equipe técnica da casa: as acolhidas esperam e perguntam pelo nosso grupo e frequentemente nos agradecem por aquele espaço e pela nossa presença. Outro ponto importante é que muitas informações surgidas no grupo são novidade para a equipe interna, isso ajuda a mesma a tomar providências e fazer encaminhamentos.

Conclusão:

A Casa de Passagem auxilia as usuárias a recuperarem sua documentação mais básica, que muitas vezes se perdeu repetidamente nas ruas. Em nosso trabalho, oferecemos a elas um espaço de resgate e reconstrução da noção básica de existir e pertencer à comunidade humana.

Diante do abandono e da invisibilidade que marcam as vidas dessas mulheres, o desejo de ser visto – por si mesmo e pelo outro – e de se sentir existente segue vivo. Ficamos esperançosos que cada uma que passou pelo grupo possa ter experimentado um pouco de sua própria existência e importância; nós mesmas passamos a existir mais enquanto pessoas e profissionais. A psicanálise também pode existir e resistir fora das paredes de uma clínica.

Referências:

AB'SABER, T. **A clínica aberta e o analista grupo**: suas transferências e o comum. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 24, p. 501–511, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p501.1>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ALVAREZ, A. **Companhia Viva**: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas. São Paulo: Blucher, 2020.

BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRACCO, S. M. O perigo mora ao lado? Algumas reflexões sobre o tema do preconceito. In: FALSARELLA, L. F. C.; LABATE, C. M.; MORAIS, G. P.; SOUZA, J. M. F.; LABATE, J. C. T. C.; PELISSARI, M. A. G. G. B. (orgs.). **(Im)permeáveis Fronteiras**: V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise. São Paulo: Blucher, 2024. p. 83-97.

BROIDE, J. A clínica psicanalítica nos espaços públicos: breves considerações históricas. In: BROIDE, E.; KATZ, I. (orgs.). **Psicanálise nos espaços públicos**. São Paulo: IP/USP, 2019. Disponível em: <https://www.latesfip.com.br/psicanalise-nos-espacos-publicos>. Acesso em: 14 jan. 2025.

DANTO, E. A. **As clínicas públicas de Freud**: Psicanálise e Justiça Social. São Paulo: Perspectiva, 2020.

FERENCZI, S. **Confusão de língua entre adulto e criança**. In: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1933.

KAËS, R. Sofrimento e psicopatologia dos vínculos estabelecidos. Uma introdução. In: KAËS, R.; PINEL, J.-P. et al. **Sofrimento e psicopatologia dos vínculos institucionais**. Paris: Dunod, 2005. p. 2-50.

KHOURI, M. G. Gesto político e clínica psicanalítica. In: FALSARELLA, L. F. C.; LABATE, C. M.; MORAIS, G. P.; SOUZA, J. M. F.; LABATE, J. C. T. C.; PELISSARI, M. A. G. G. B. (orgs.). **(Im)permeáveis Fronteiras**: V Bienal de Psicanálise e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise. São Paulo: Blucher, 2024. p. 263-273.

LEWKOWICZ, A.; KEIDANN, C.; LAHUDE, D.; MALTZ, F.; GOLDSTEIN, J.; SECCO, L.; CIMENTI, M. E.; WOLFF, M.; COSTA, R.; FORTES, S. **Laços sociais de amparo: parentalidades em foco.** Revista Brasileira de Psicanálise, v. 52, n. 4, p. 119-128, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000400009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 jan. 2025.

MACIEL JR., A.; BARBOSA, M.; CARVALHO, M. A língua menor da ternura. Confusão de língua e bilinguismo em Psicanálise. In: MACIEL JR., A. (org.). **Trauma e ternura.** A ética em Sandór Ferenczi. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

ROUSSILLON, R. **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia.** São Paulo: Blucher, 2019.

SAFRA, G. A vivência do sagrado e a constituição do self. **Temas em Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 147-151, 1998. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1998000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 jan. 2025.

SOUZA, J. M. F. **A Branquitude está em pauta!** Observatório Psicanalítico, 2021. Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/a-branquitude-esta-em-pauta/>. Acesso em: 14 jan. 2025.